



Secretaria de Estado da Educação

# CLIPPING

20, 21 e 22 de outubro 2012



**Veículo:** Diário Catarinense

**Editoria:** DC na sala de aula

**Data:** 18/10/2012

**Assunto:** Bons exemplos da tecnologia em sala de aula

**Página:** 6/7

DIÁRIO CATARINENSE

# Bons exemplos da tecnologia em sala de aula

GABRIELLE BITTELBRUN

**A**tela, seja de computadores, televisores ou tablets, encanta. É inevitável pensar nela, então, como uma aliada para se prender a atenção dos alunos, uma via para se aprender mais.

Educadores apontam que as novas tecnologias fazem parte do dia a dia dos alunos das mais diversas realidades sociais e há a necessidade de as escolas acompanharem isso. A questão é como aproveitar as ferramentas da melhor forma e na dose certa.

O coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Walter Antonio Bazzo, reitera que vídeos e músicas aumentam o processo de reflexão cognitiva dos alunos.

Esses instrumentos extrapolam o que consta nos livros e dão mais informações para o reconhecimento de mundo, além de contribuir com as estratégias didático-pedagógicas. De acordo com ele, essa nova linguagem trazida pelas tecnologias não pode ficar de fora da sala de aula na atual sociedade, que não vive nem sem telefone celular.

Mas não dá para esperar que os meios tecnológicos sejam a única solução para o melhor ensino. O professor da UFSC, ressalta que essas ferramentas devem ser ministradas com critérios e o professor é peça-chave nessa mediação. Por isso, antes da aquisição dos equipamentos, deve-se investir na remuneração e na formação dos docentes.

– Se o professor não souber usar o computador, o Ipad ou o que for, será como colocar uma Ferrari (o carro) na mão de um motorista barbeiro – compara Bazzo.

Membros do Grupo de Pesquisa em Informática na Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), Isabela Gasparini e Avaniilde Kemczinski reforçam que os recursos tecnológicos têm de estar inseridos em uma metodologia própria. Ou seja, não adianta só transferir aspectos tradi-



**CONECTADOS** A sala de informática da Escola Altamiro Guimarães, de Antônio Carlos, é um dos espaços mais disputados pelos alunos

cionais para o vídeo, por exemplo.

A própria postura dos docentes deve ser diferenciada e uma possível “overdose” de plays e downloads também não é recomendada, uma vez que a fixação do conhecimento também exige as etapas consideradas “tradicionalistas”, com leituras e relação aluno-professor. Para Isabela, cada recurso empregado deve ter um propósito e não ser apenas uma simples atividade lúdica, um

objeto de diversão e distração.

A gerente de tecnologia educacional da Secretaria de Estado da Educação, Suzana Silveira Camargo, destaca que os professores da rede têm passado por capacitação, principalmente nos 36 Núcleos de Tecnologia Educacional, e informa que equipamentos como tablets e mais computadores têm sido distribuídos pelo Estado, por iniciativa da pasta e do governo federal. Mas ela admite

que ainda há o que melhorar no setor.

Mesmo assim, na busca pela boa parceria com os recursos tecnológicos, professores do Estado já arriscam nas inovações, superando, inclusive, deficiências das máquinas e as próprias dificuldades em operá-las. Confira alguns exemplos nas reportagens publicadas nestas duas páginas.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

### Sem medo da informática

A sala com computadores e powerpoint não é a mais equipada "do mundo", mas é a mais requisitada da Escola Altamiro Guimarães, de Antônio Carlos, na Grande Florianópolis. Os alunos vão ao local para trabalhar com vídeos, pesquisar ou só frequentar as aulas.

A professora de português do ensino médio Cláudia Cristina Raddke Monteiro é uma das que leva os alunos à sala sempre que pode. A docente, que adotou as produções cinematográficas dos alunos como um caminho para ensinar literatura, sempre se surpreende com os resultados alcançados.

— É um jeito de fazer com que eles aprendam de maneira agradável e não só no quadro e nos livros — ressalta.

A utilização dos recursos diferenciados ficou mais frequente na escola depois da chegada da professora orientadora de tecnologias educacionais, Idineia Carla Bioeti, em 2009. Ela auxilia os docentes de todo o colégio — de 1,2 mil alunos — a

elaborarem os conteúdos com os recursos de tecnologia, fornece suporte nas próprias aulas e ajuda os alunos a fazerem os trabalhos que envolvem as diferentes mídias. Os ensinamentos da professora envolvem a monitoria em sala e até o reforço de questões éticas.

— A gente explica que tudo está ali no computador e eles precisam saber usar isso bem para a melhor aprendizagem.

Também foi necessário um trabalho com os docentes. Idineia percebeu que havia quem não usasse o computador por não saber nem ligar a máquina ou abrir um pen-drive. Ela decidiu promover um curso de capacitação de uma tarde.

— Alguns têm dificuldade, mas depende muito da empolgação e das iniciativas dos professores para utilizar os equipamentos na aula — destaca.

Os que tomam coragem para superar os próprios limites e introduzem o computador em alguma proposta em sala conquistam as turmas.

### Avatar para treinar espanhol

A paixão adolescente pelas redes sociais tem sido aproveitada pela professora de idiomas Cecília Margot para fazer os estudantes da escola Tufi Dippe, de Joinville, gostarem de espanhol. As três turmas do primeiro ano do ensino médio estão criando e mantendo avatares do facebook. A ideia é que cada turma fique responsável por um personagem que esteja visitando o Brasil e só se comunique em espanhol. De acordo com Cecília, o trabalho deve aproveitar um projeto do bimestre anterior, que concentrou frases básicas para turistas espanhóis em solo brasileiro. Os perfis nas redes sociais vão exigir engajamento dos alunos.

— Cada aluno ficará responsável por alimentar a página com informações, como reserva de hotel ou onde encontrar táxi.

A diretora da escola, Emma Cavalheiro, conta que a proposta aproximou o conteúdo de sala à realidade dos estudantes, além de aplicar teorias a situações rotineiras. O trabalho segue até novembro e

as turmas que não têm espanhol poderão acompanhar os diálogos e escolher qual foi o personagem mais agradável. Nada passa sem a supervisão de Cecília, que acompanha as atividades, monitora a linguagem utilizada e avalia as postagens.

— A internet é como um controle remoto de TV. Eu posso comandá-lo para usar o meio de comunicação a meu favor. O que não dá mais é para ficar só no giz, se fora da escola é I-pad, MP3, entre outros.

A professora conta que os próprios alunos pediram uma avaliação diferenciada.

— Eles contaram que quando há apresentações de trabalhos com um tema só, vai ficando repetitivo.

Como se comprova pelas "curtidas", a ideia despertou a curiosidade dos alunos, que conferem a página até mesmo em casa. Os estudantes estão combinando entre si maneira dos personagens se encontrarem. Como lembra a professora, se a internet precisa ser em alta velocidade, a imaginação deles, mais ainda.



CINÉFILOS Na Escola 25 de maio, de Fraiburgo, o cinema ajuda no aprendizado



FACEBOOK As alunas Bruna e Larissa recebem orientações da professora Cecília

### Cinema como um aliado

A professora Aline Morganti se define como uma apaixonada por tecnologia. Por isso, nas aulas de artes que ministra para as turmas do 6º ano do ensino fundamental ao terceiro do ensino médio da Escola de Educação Básica 25 de maio, de Fraiburgo, no Meio-Oeste, não faltam produções audiovisuais.

Os desenhos dos menores passam por registros fotográficos para depois se transformarem em trabalhos no estilo *stop motion* — técnica que utiliza a filmagem de quadro a quadro. Já com os adolescentes, serão três curta-metragens neste ano sobre lendas envolvendo o Contestado, com o apoio do professor de História e Geografia. Com isso, os alunos aliam aspectos da tradição com os recursos de tecnologia. Para os trabalhos, vale pegar emprestado a câmera do amigo ou trazer o namorado como figurante.

— Hoje não tem como remar contra os alunos. Eles estão várias horas por dia em frente ao computador ou no celular. Te-

mos que aliar isso ao trabalho para deixar a aula mais atraente — ressalta Aline.

Em 2007, ela percebeu nos filmes uma ferramenta para capturar os alunos com dificuldades de concentração e envolver um grupo de educadores. Aqueles docentes que não se sentem à vontade para ajudar nas filmagens ou na edição, ajudam na maquiagem ou no figurino.

O diretor da escola, Daniel Celeste da Silva, conta que as atividades se tornaram mais viáveis porque os docentes se dividiram em grupos pedagógicos especializados em determinadas áreas, como esse de Aline, voltado para as produções audiovisuais.

Ele comemora essas iniciativas que fogem do livro didático e percebe diferença na motivação dos alunos. Para a professora Aline, as filmagens não têm limite.

— É muito bom ver os olhos dos alunos brilhando e ouvir eles dizerem, orgulhosos: 'Olha o que eu consegui fazer' — destaca a professora.

### Jogo facilita o aprendizado

As universidades de Santa Catarina estão desenvolvendo tecnologias voltadas para as escolas, o que deve tornar as aulas ainda mais atraentes para os alunos. Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o forte são os jogos eletrônicos com finalidade pedagógica. O jogo Mata Atlântica, o Bioma onde Eu Moro, por exemplo, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc), e lançado em abril, faz os alunos trabalharem em cooperação. São três desafios, quebra-cabeças, sudoku e procure-ache para cada um dos seis ecossistemas da Mata Atlântica em Santa Catarina.

O jogo pode ser realizado no mesmo computador com dois mouses, o que facilita o uso em escolas com número reduzido de equipamentos. A versão para um único mouse foi desenvolvida para rodar no sistema operacional livre Linux, que opera em algumas escolas públicas. As duas versões pode ser baixadas no [www.mata-atlantica.educacaocerebral.org](http://www.mata-atlantica.educacaocerebral.org).

Já a Universidade do Estado de SC (Udesc) possui o projeto Laptop na Escola, cujo objetivo é a troca de experiências de práticas didáticas de ensino de arte nas escolas. A iniciativa, que chega a analisar também o impacto do uso do computador na escola para o aprendizado, tem como foco os colégios contemplados pelo Programa Um Computador por Aluno, do governo federal, e possibilita, inclusive, que os estudantes levem o computador para casa, como um meio de complementar o aprendizado.

O Lap Top na Escola é uma iniciativa do Grupo de Pesquisa Educação, Arte e Inclusão da Udesc e conta com parcerias com a Universidade Estadual de Ponta Grossa e a Fundação Universidade do Rio Grande e com o financiamento de órgãos de fomento. Interessados podem mandar e-mail para [lavapeudesc@udesc.br](mailto:lavapeudesc@udesc.br) ou ligar no (48) 32218471. Mais informações no site [www.artetecnologia.com.br](http://www.artetecnologia.com.br).



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Notícias do Dia	<b>Editoria:</b> Geral	<b>Data:</b> 22/10/2012
<b>Assunto:</b> Escolas passarão por reforma		<b>Página:</b> 19

# Notícias do Dia

### EDUCAÇÃO

## Escolas passarão por reforma

Com investimento que totaliza R\$ 1,3 milhão, a Secretaria de Desenvolvimento Regional da Grande Florianópolis entregará nesta quarta-feira, 24, ordens de serviço para obras de reforma de escolas de São José e Biguaçu.

A Escola de Educação Básica Bela Vista/Ceja, de São José, receberá R\$ 446 mil para que a empresa vencedora da licitação execute a reforma da cobertura, forro, instalação elétrica e substituição de caixas de água. A escola atende 230 alunos do ensino médio e regular, além do Centro de Educação de Jovens e Adultos - Ceja. No total, o estabelecimento conta com cerca de 600 alunos.

A EEB Professora Emérita Duarte Silva e Souza, do bairro Fundos, em Biguaçu, passará por reforma geral também. O investimento na escola, que atende 810 alunos no ensino fundamental, será de R\$ 910 mil. "O objetivo é dar mais conforto e segurança aos alunos e professores. Sabemos que ainda há muitas melhorias a serem feitas", destacou o secretário regional Renato Hinnig.



# SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> A Notícia	<b>Editoria:</b> AN.Joinville	<b>Data:</b> 21/10/2012
<b>Assunto:</b> Eles amam a profissão		<b>Página:</b> 08

## A NOTÍCIA

■ PARA SERVIR DE EXEMPLO

### Eles amam a profissão

Formar novos professores não é fácil, mas dois profissionais experientes contam porquê não trocam essa carreira por nada

O Dia do Professor já passou, mas assim como outras datas comemorativas, o que se fala é que todo dia é dia professor. Isso porque eles estão 24 horas pensando nos alunos. Acha exagero? Então conheça a história de dois professores que não se veem em outra atividade. A vida deles é dentro de sala de aula.

O que o professor de matemática Júlio César Tomio, 39 anos, de Joinville, e o de filosofia, Oswaldo Mabba, 50, de Jaraguá do Sul, têm em comum? Muita coisa além da profissão. Eles são apaixonados pela arte de lecionar e são populares nas comunidades em que atuam. Tomio é o professor da galera. Passou por cursinhos e faculdades. Já Mabba educou uma geração inteira em Jaraguá. Todo mundo o conhece.

“Ser professor só faz sentido quando reconhecemos que todo ser humano é capaz de aprender. O desafio não é ensinar para quem já sabe. O grande desafio da docência é fazer o sujeito que ainda não sabe se apaixonar, de forma crítica, pelo processo de conhecer”, descreve o diretor de ensino da Faculdade de Educação da Udesc, Lourival José Martins Filho, também professor.

E é nisso que a dupla acredita. Mesmo com as dificuldades da profissão, nenhum dos dois se arrepende da carreira que escolheu. Eles não pretendem abandonar seus alunos. Pelo contrário, querem fazer com que outros se apaixonem também.

### O “psor” da galera

Sabe aquele professor engraçado, que te faz gostar de uma das disciplinas consideradas mais difíceis? Aquele cara descontraído, que transforma as difíceis fórmulas matemáticas em tarefas simples? Assim podemos descrever Júlio César Tomio, que tem 17 anos de carreira. Mais conhecido como 8.000 (Oi, Tomio, como brincam os alunos), ou ainda “psor”, Júlio passou por diversas escolas. Hoje, ele leciona no Instituto Federal de Santa Catarina (IF-SC) para turmas do ensino médio e superior.

Para ele, o mais motivador na profissão é o contato com as pessoas. “É oferecer o que você tem de melhor. O segredo para gostar da profissão e fazer com que os estudantes gostem de você e da disciplina, é variar, equilibrar. Eu brinco com eles, canto rap, mesmo não sendo o meu forte, e tento ser natural, autêntico”, revela o professor.

### Todo mundo conhece

“O Mabba? Ah, sim. Foi meu professor.” Não é difícil escutar esta frase no meio de uma conversa sobre a época de escola em Jaraguá do Sul. O professor Oswaldo Mabba completou 28 anos de trabalho em sala de aula em 2012. Ele passou por vários colégios e hoje acompanha as turmas da Escola Guilherme Hanemann e da Católica de SC. Formado em estudos sociais e filosofia, especializado em teologia e psicopedagogia e doutor em história, o professor deu aulas de história, geografia e filosofia. Para ele, ser professor é uma vocação. E Mabba dá uma dica aos recém-formados: “Ao mesmo tempo que você é professor, você é educador. É preciso ser exemplo e ter simpatia com a garotada”.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> O Globo	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 21/10/12
<b>Assunto:</b> Opinião: mudanças na sala de aula		<b>Página:</b> Online

# O GLOBO

### OPINIÃO: MUDANÇAS NA SALA DE AULA

"Depois da internet, tudo mudou. Temos o professor como mediador do conhecimento, enquanto alunos se tornam coautores na busca da informação", afirma Tatiana Bertti

Mesmo que no início a internet tenha sido utilizada apenas para fins militares, em poucos anos se tornou um referencial em todo tipo de comunicação. Com o passar do tempo, ela foi sendo aprimorada em uma interface gráfica visualmente interessante e mais dinâmica. Esse acesso, enfim, chegou às Escolas, o que se deu em meados dos anos 90. Mas como avaliar o desenvolvimento das habilidades dos Alunos que utilizam esse recurso?

O cenário de aprendizagem antes era o Professor como emissor da palavra e o Aluno ouvinte. Assim sendo, aquilo que o aluno ouvia era por ele reproduzido em palavras escritas em seu caderno ou livro didático. Nesse contexto, havia pouca interação entre eles.

Depois da internet, tudo mudou. Temos o Professor como mediador do conhecimento, enquanto Alunos se tornam coautores na busca da informação.

Os Alunos hoje podem compartilhar ideias e aprofundar as pesquisas relacionadas ao assunto em um ambiente de reflexão, com bibliotecas virtuais, guias, apostilas interativas e muito mais.

Ainda há que se falar do aprendizado colaborativo, uma grande tendência dos Alunos do século XXI. Nesse ambiente, as pessoas com interesse comum se reúnem para compartilhar o que sabem, buscam juntas a solução dos problemas, tomam decisões e agem em equipe por meio de fóruns de debates, e-mails, videoconferências, sendo cercadas por muitas outras possibilidades no mundo todo.

Trata-se agora de uma nova cultura educacional, que tem como base o compartilhamento das ideias e ideais em projetos colaborativos. Precisamos acompanhar essas tendências e compreender de uma vez que, se não levarmos as tecnologias (acessos à internet, redes sociais...) aos nossos Alunos, seremos nós que nos distanciaremos desse novo formato de Educação. Cabe o entendimento da utilização da internet, de como nossos Alunos compreendem a pesquisa, o acesso e a busca, bem como da forma como utilizam a informação. É preciso estar "antenado".



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> O Globo	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 22/10/12
<b>Assunto:</b> Game deixa matemática mais fácil		<b>Página:</b> Online

# O GLOBO

## GAME DEIXA MATEMÁTICA MAIS FÁCIL

Jogo que faz parte de programa da Firjan melhora desempenho de alunos em escolas do Sesi

No Brasil, três em cada quatro Alunos terminam o Ensino fundamental sem domínio adequado da matemática. Uma pesquisa feita pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) com 600 empresas revela que este quadro tem impacto não apenas na vida Escolar. Ele prejudica as empresas, que apontam o Analfabetismo funcional na disciplina como um de seus principais problemas.

Diante disto, a Firjan decidiu criar o programa Sesi Matemática, destinado a Alunos do Ensino médio de Escolas públicas, em parceria com o Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (Impa), a Secretaria Estadual de Educação e a empresa inglesa Mangahigh.

Alguns dos recursos do programa que já estão sendo testados, com bons resultados, são os games on-line. O programa já foi implantado nas Escolas do sistema Sesi e Senai e será ampliado para 11 colégios estaduais, que receberão também capacitação do corpo Docente.

Segundo Andréa Marinho, diretora de Educação do Sistema Firjan, a utilização dos games tenta fazer com que Alunos testem conceitos de forma divertida e, assim, tenham mais proximidade com a matemática, vendo a sua importância, por meio de teoria e prática, simultaneamente.

Em um dos jogos utilizados, por exemplo, um inseto cai de um relógio e fica preso. Ele precisa subir no relógio e, para isso, o Aluno têm que estudar diversos ângulos. Cada acerto faz o inseto subir um nível, e a dificuldade vai aumentando.

- Damos o concreto para que os Alunos consigam abstrair. Além disso, outra preocupação é a formação continuada do Professor. Nossa primeira missão é quebrar o bloqueio que existe em relação à disciplina tanto por parte dos Professores quanto dos Alunos. Nossa metodologia tem o objetivo de romper o medo que as pessoas têm. Para isso, usamos como material o que jovem gosta - explica Andréa.

Bruno Souza Gomes, assessor de tecnologias educacionais da federação, diz que as primeiras avaliações indicam progressos no aprendizado. Segundo ele, uma pesquisa realizada na Inglaterra mostrou uma melhora de 30% na avaliação final:

- Os jogos são atrativos e podem ser acessados 24 horas. O tempo em frente ao computador agora é para estudar, jogando - comenta Bruno.

Na Escola do Sesi/Senai de Santa Cruz, Manuela Nogueira, Professora de matemática, diz que a utilização dos jogos está sendo eficaz:

- Os Alunos estão mais interessados, porque o aprendizado ocorre de maneira lúdica e mais atraente.

Kauê Dionísio, de 15 anos, Aluno do 1º ano do Ensino médio, é um dos que gostavam de matemática, mas encontrava dificuldades.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

- Achei que, com os jogos, ficou mais interessante e fácil aprender - conta o jovem.

Para implantar o programa com os seus Alunos, Manuela também precisou passar por um programa de reciclagem:

- Aprendi matemática da forma tradicional. Agora, percebo o crescimento dos Alunos.

Para João Batista Oliveira, presidente do Instituto Alfa e Beto, na matemática o desafio é maior. Ele diz que, entre as causas para o mau desempenho do país estão o despreparo de Professores, o currículo muito extenso e o material didático inadequado.

- Diferentemente de outras disciplinas, a matemática depende da Escola. Os países com bom desempenho, como os asiáticos e a Bélgica, têm um currículo compacto, o que dá mais chance de o Aluno aprofundar a matéria - avalia.

Ele diz que as crianças já chegam na Escola com um preconceito em relação à disciplina. E que alguns pais transmitem o medo que têm da matemática para os filhos.

Como resultado, João Batista explica que, assim como há Analfabetos funcionais (pessoas que, mesmo alfabetizadas, não conseguem interpretar textos), existem os Analfabetos funcionais numéricos.

Andréa Marinho concorda e ressalta que um dos problemas enfrentados pelas indústrias atualmente é que, mesmo os que atestam certo grau de Escolaridade, não apresentam conhecimento compatível com a série declarada.

- Muita gente escolhe a área humana por ter dificuldade com matemática. O resultado disso é que o Brasil está precisando de engenheiros - diz.

### **Professor revoluciona ensino da disciplina**

Revolucionar o Ensino de matemática começa com a formação dos Professores, que, muitas vezes, também receberam uma Educação ineficiente. Nesse cenário, iniciativas individuais acabam sobressaindo. Luiz Felipe Lins, de 40 anos, Professor há 16, é um desses casos. Formado pela Uerj e com pós-graduação em Educação matemática pela PUC, ele é Professor da Escola Municipal Francis Hime, em Jacarepaguá, e criou um grupo de estudo que tem se dedicado ao aprofundamento da matéria. Os frutos já começaram a aparecer. Seus Alunos do Ensino fundamental são medalhistas em várias olimpíadas.

- Quando decidi ser Professor, sabia que ia encontrar pela frente o mesmo Ensino de matemática que recebi. Por isso, pensei em fazer mudanças. Com um grupo de Professores, comecei a desenvolver uma forma diferente de ensinar. O primeiro passo foi reformular o currículo. Retiramos muita coisa, para que os conteúdos pudessem ser aprofundados. Trabalhar com o cotidiano do Aluno e usar jogos foram alguns dos recursos adotados para tornar mais interessante o aprendizado - explica o Professor.

Lins ressalta que é preciso nunca esquecer que a matemática está ligada a um tripé: conceitualização, instrumentalização e contextualização. O resultado de seu trabalho apareceu logo. No grupo de Alunos que aprofunda o estudo da matéria, há vários medalhistas em olimpíadas. Um deles, o mais brilhante, conquistou dois ouros e um bronze na Olimpíada Brasileira de Matemática. Na estadual, foram três ouros. E no Canguru Matemático, um concurso internacional, foram duas pratas e um ouro.

O ganhador de todas essas medalhas sempre gostou de matemática, mas não imaginava que viraria um craque. Marlon Carvalho, de 15 anos, Aluno do 9º ano da Francis Hime, sonha ser engenheiro. Descobriu que a disciplina pode não ser um bicho-papão e sabe que encontrará um mercado de trabalho receptível.





## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

- A matemática está em tudo na vida. Ela desenvolve o raciocínio lógico e também ajuda em outras matérias - diz Marlon.

Sem receber qualquer adicional em seu salário, Lins reúne seu grupo de estudo três vezes por semana, fora do horário de aulas. Além de Marlon, outros integrantes do grupo já ganharam medalhas. O alto desempenho também rendeu à Escola uma gratificação para os funcionários este ano. A Francis Hime ficou em 64º lugar no Índice de Desenvolvimento da Educação básica (Ideb) e foi premiada por ter superado a meta, que é de 5,4. A Escola recebeu nota 6,1.

- Para conseguir isso, é preciso que haja uma parceria com a Escola. Aqui, recebo da direção tudo que preciso, como equipamentos e todo o material necessário - comenta Lins.  
Município já ministra aulas digitais

A Secretaria municipal de Educação informou que, desde 2009, para tornar o Ensino de matemática mais atraente e adequado para cada faixa etária, vem investindo na capacitação dos Professores da disciplina e na utilização de novas metodologias. Entre elas, a Educopédia, uma plataforma on-line de aulas digitais, de todas as matérias, em que Alunos e Professores podem acessar atividades autoexplicativas, com jogos, podcasts e vídeos, de qualquer lugar e a qualquer hora.

Além disso, os 12.298 Professores de matemática da rede municipal passam por cursos de capacitação. A secretaria informou, ainda, que promove diferentes etapas de formação do seu quadro Docente e discente, inclusive em parceria com universidades, como a UFRJ, e com estudos desenvolvidos pelo Projeto Fundão. Os investimentos em capacitação feitos pela rede municipal já apresentam resultados, segundo a prefeitura: em 2011, a rede alcançou uma melhora de 7% da nota padronizada de matemática da Prova Brasil no 1º segmento (1º ao 5º ano) e de 8% no 2º segmento (6º ao 9º ano), passando de 5.97, em 2009, para 6.41, em 2011, no 1º segmento; e de 4.82, em 2009, para 5.19, em 2011, no 2º segmento.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> O Estado de São Paulo	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 21/10/12
<b>Assunto:</b> Editorial: a demagogia das cotas		<b>Página:</b> Online

# O ESTADO DE S. PAULO

## EDITORIAL: A DEMAGOGIA DAS COTAS

"Ao divulgar o decreto e a portaria que regulamentam a Lei de Cotas, o ministro da Educação, Aloizio Mercadante, acabou reconhecendo que a lei dará acesso às universidades públicas a estudantes que não estão preparados para cursá-las", afirma jornal

Ao divulgar o decreto e a portaria que regulamentam a Lei de Cotas, o ministro da Educação, Aloizio Mercadante, acabou reconhecendo que a lei dará acesso às universidades públicas a estudantes que não estão preparados para cursá-las. Aprovada há dois meses pelo Congresso, a Lei de Cotas obriga as universidades e institutos técnicos de nível médio federais a reservarem 50% de vagas para Alunos que tenham feito integralmente o Ensino médio em Escolas públicas.

A lei também estabelece sub-cotas por critérios de renda e de raça. No primeiro caso, metade das vagas reservadas a "cotistas" deverá ser preenchida por estudantes com renda familiar mensal per capita de até 1,5 salário mínimo (R\$ 933). As universidades e institutos técnicos federais poderão exigir cópia da declaração do Imposto de Renda, extratos bancários e até nomear uma comissão encarregada de visitar o domicílio dos candidatos para verificar se vivem em famílias com baixa renda. O decreto cria ainda um Comitê de Acompanhamento das Reservas de Vagas nas Instituições Federais de Educação Superior e de Ensino Técnico, que terá, entre outras, a incumbência de fiscalizar o cumprimento da Lei de Cotas e propor "programas" de apoio" a cotistas.

Já no caso das subcotas raciais não haverá qualquer tipo de controle, bastando aos candidatos declarar se são pretos, pardos ou indígenas. Pelo decreto, os candidatos pretos, pardos e indígenas disputarão as mesmas vagas. Caberá, contudo, às universidades federais a prerrogativa de separar as subcotas raciais das cotas para indígenas.

"Fomos o último país a abolir a escravidão nas Américas. A política de ações afirmativas busca corrigir essa dívida histórica. Temos de dar mais oportunidade àqueles que nunca tiveram, que são os pobres", disse o ministro da Educação, depois de anunciar que vem preparando um sistema de tutoria e cursos de nivelamento para cotistas. "Os Alunos terão um tutor que os acompanhará, verá as deficiências, ajudará a reforçar o que é necessário", afirmou. Com isso, ele admitiu os problemas de aproveitamento e desempenho Escolar que a Lei de Cotas introduzirá nas universidades e institutos técnicos federais. É como se reconhecesse que as universidades e institutos técnicos federais passarão a ter dois tipos de Alunos - os de primeira classe, escolhidos pelo princípio do mérito, e os de segunda classe, beneficiados pelo sistema de cotas.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

"A experiência demonstra que parte desses Alunos precisa de acompanhamento, especialmente no início do curso. Temos de garantir que saiam em condições. Inclusive, vamos fazer uma política de assistência estudantil, para que os cotistas possam se formar e ter seu diploma", afirmou.

Contudo, mostrando como são tomadas as decisões do governo na área social, o ministro anunciou que o "modelo nacional de nivelamento e tutorias" não deverá estar pronto antes do próximo vestibular, quando o regime de cotas entra em vigor. Portanto, apesar da retórica oficial em favor de políticas afirmativas, o MEC não estava preparado para lidar com os problemas trazidos por uma lei que aumentará significativamente as responsabilidades, a burocracia e os gastos das universidades e institutos técnicos federais com atividades-meio.

A preocupação em agitar a bandeira das cotas às vésperas de uma eleição é tanta que, na mesma entrevista em que reconheceu que o governo ainda não tem um plano de nivelamento e tutoria para cotistas, Mercadante disse que está cogitando de usar o sistema de cotas também no programa Ciência sem Fronteiras, que dá bolsas de graduação e pós-graduação no exterior. Mas, segundo ele, essa iniciativa teria de ser precedida do Ensino em massa de inglês e de outras línguas. "Se não tem proficiência em inglês, só posso mandar os alunos para Portugal", afirmou. O ministro alegou que o MEC está preparando o programa Inglês sem Fronteiras. Mas, como se tornou rotineiro na administração petista, ele deverá ser implantado depois do anúncio da extensão do regime de cotas para o Ciência sem Fronteiras.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Zero Hora	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 20/10/2012
<b>Assunto:</b> Educação ainda é um obstáculo no meio rural		<b>Página:</b> Online

# ZERO HORA

## Educação ainda é um obstáculo no meio rural

Formação dos produtores não acompanhou a evolução da tecnologia

Apesar do aumento do uso de tecnologias no campo, o nível de Escolaridade dos produtores pouco acompanhou a evolução. Conforme o Atlas do Espaço Rural Brasileiro, divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 3,9 milhões de proprietários rurais no país, 82% eram Analfabetos ou não tinham completado o Ensino fundamental.

No Rio Grande do Sul, segundo dados do Censo Agropecuário de 2006, mais de 70% dos responsáveis pelas propriedades têm apenas o Ensino fundamental incompleto, número acima da média nacional. Entretanto, no ranking dos Analfabetos no campo, o Estado fica bem abaixo do percentual do país (veja quadro).

– Existem grandes dificuldades por causa da falta de formação dos produtores. Mesmo na agricultura mais simples, cada vez mais teremos uma cobrança do mercado por qualificação e inovações tecnológicas – avalia a gerente da coordenação de geografia do IBGE, Adma de Figueiredo.

Cursos técnicos ajudam na formação de produtores

Em todo o Brasil, as mulheres, de acordo com a pesquisa, que respondem por 13% das propriedades, tinham taxa de Analfabetismo de 45,7%, enquanto para os homens o índice é de 38,1%.

Nas regiões de maior produção agrícola, onde estão o domínio do complexo agroindustrial da soja e outros produtos da pauta de exportação, se concentram os maiores percentuais de proprietários rurais com nível médio de instrução – tanto regular quanto profissionalizante.

A procura pelos cursos de formação técnica, uma saída para a qualificação profissional, tem sido uma solução para os produtores. O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural no Rio Grande do Sul (Senar-RS) registra uma busca de cerca de 80 mil profissionais por ano, segundo o superintendente da entidade, Gilmar Tietböhl.

Em 2011, 56% das pessoas que participaram de capacitação na instituição tinham instrução de Ensino médio completo, enquanto 19,4% eram de Ensino fundamental incompleto.

– São pessoas que o trabalho exigiu tanto durante a juventude, e não tiveram oportunidade de continuar no Ensino formal. Tentamos preencher uma lacuna com formações que o agricultor pode exercer na atividade rural – explica Tietböhl.

Para o estudo, o IBGE utilizou dados do Censo Agropecuário de 2006, que tiveram atualização divulgada ontem. Os censos agropecuários da entidade são realizados a cada 10 anos.